

DOIS VIGARISTAS

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



Vivia na rua mais pobre e mais sombria de uma cidade da Ásia um homem chamado Zahil, que era muito preguiçoso. Ela e a mulher, não menos amiga de pouco fazer do que o marido, nunca se tinham disposto a aprender uma profissão ou, a bem dizer, a única profissão que sabiam era a de pregar más partidas aos camponeses e aos lavradores ricos, que passavam pela cidade. Tinham, realmente, fama de vigaristas e não menor proveito.

Sucedia, às vezes, que Zahil e Samam, assim se chamava a mulher, à falta de engenho ficavam com a barriga vazia.

Ora foi numa dessas ocasiões que nós os encontrámos, no princípio desta história. Dizia a mulher:

– Não podemos continuar assim, Zahil. Ou tu inventas uma grande partida, que nos traga muito dinheiro, ou vamos começar a fazer como os outros, que chegam ao fim do dia e têm com que encher o caldo da panela.

– E que fazem os outros? – perguntou Zahil, bocejando.

– Ora que fazem?! Fartam-se de trabalhar, pois então!

– Ui! Disso estás tu bem livre – e Zahil saltou da cama e saiu sem dizer ao que ia.

Voltou, passado tempo, com uma gaiola. Dentro da gaiola, no mesmo poleiro, vinham dois periquitos verdes, iguaizinhos. A mulher zangou-se:

– Então tu andas a gastar o último dinheiro que temos com luxos.

Zahil, com um ar misterioso, respondeu:

– E não é tudo. Vai ao mercado e compra umas galinhas gordas, arroz e especiarias. Com elas faz uma boa tachada, enquanto eu passo pelo largo da cidade. Quero convidar alguns amigos e conhecidos para jantarem connosco.

Samam achou que o marido estava doido e disse-lho. Então Zahil, rindo-se da maroteira que ia pregar, deu algumas instruções em segredo à mulher e saiu para a rua, com um dos periquitos no bolso do albornoz. O outro passaroco ficou sem companhia, a protestar, no poleiro da gaiola, o seu desamparo.

Na principal praça, onde se reuniam os mercadores mais ricos da cidade, para tratarem dos seus negócios, Zahil abordou um dos comerciantes e perguntou-lhe, sem cerimónia:

– Quer vir jantar a minha casa?

O interpelado, que mal conhecia Zahil, estranhou o convite, mas o finório não lhe deu sequer tempo para

pensar e acrescentou:

– Se quiser, eu digo ao meu periquito para avisar a minha mulher que temos mais um conviva – e mostrou o passarinho, preso na mão.

Outros mercadores, que isto tinham ouvido, acercaram-se, curiosos e divertidos. Um deles, em tom de chalaça, quis saber se, realmente, o periquito era assim tão esperto.

– Imenso, senhor. Não fosse ele e estaria pobre. Muito me ajuda o meu periquito, principalmente a fazer recados – respondeu Zahil.

– Ah! Ah! Ah! – riram-se os que isto ouviram.

– Não acreditam? Pois convido-os a virem jantar comigo. A minha mulher já deve ter chegado a casa, de forma que eu vou dizer ao meu periquito para ir avisá-la de que levo alguns amigos para o nosso jantar. Gostam de galinha de caril com arroz?

Todos gostavam.

– Então, amigo, vai dizer à tua dona para preparar uma grande tachada de galinha com arroz. Quando chegarmos, quero tudo pronto. Vai! – e Zahil largou o periquito, que, vendo-se, tão de súbito, em liberdade, voou para onde muito bem quis.

Muito espantados ficaram os convidados, quando, ao entrarem em casa de Zahil, viram a mesa posta como para um banquete. Passava no ar um cheirinho a caril que regalava...

– Sentem-se, por favor, ilustres senhores – disse-lhes a mulher. – Se não tivesse vindo o periquito, a anunciar a vossa chegada, creio bem que o jantar ainda estaria por fazer.

De facto, na gaiola, lá estava um periquito verde...

Depois do jantar, um dos convidados, que era um rico comerciante da província, gabou a refeição e a inteligência do periquito.

– Dou-lhe cem moedas por ele – propôs.

– Nem por sombras – replicou Zahil. – Só o trabalho que eu tive a educá-lo merece bem mil moedas.

– Aqui tem as mil moedas – atalhou o negociante.

E fez-se negócio.

Quando, no dia seguinte, o negociante chegou a casa, a sua primeira preocupação foi a de perguntar à mulher se o periquito lhe tinha dado o recado com o que ele queria para o almoço.

– Qual recado? Qual periquito? – assustou-se a mulher.

– Os ares da cidade devem ter-te tirado o juízo.

– Tiraram mesmo – exclamou o pobre comerciante, dando socos na sua própria cabeça.

Tinha compreendido a maroteira.

– Seu vigarista, devolva-me já as minhas mil moedas ou mando-o prender – ameaçou o comerciante, entrando em casa de Zahil. – O seu periquito era um pássaro vulgar, como qualquer outro, e a prova está que fugiu em vez de se desempenhar do recado que eu lhe ordenara.

– E que recado era esse? – perguntou, serenamente, Zahil.

– Era o de ir à minha frente dizer à minha mulher que eu queria carne guisada para o almoço.

– Sabia ele, porventura, onde era a vossa casa? Já lá tinha estado convosco? – inquiriu Zahil, sem perder a calma.

O comerciante ficou atrapalhado. Realmente, como podia o periquito saber onde ele morava se ninguém lho

dissera. E, pensando no seu esquecimento e pouca sorte, o comerciante saiu da casa de Zahil, muito acabrunhado.

Esta história, que é um conto popular persa, parece aplaudir os vigaristas e preguiçosos que vivem da ingenuidade dos que não são vigaristas nem preguiçosos. Mas trata-se apenas de uma história, de um bocadinho da vida de um tal Zahil... Se chegássemos ao fim da história da vida de Zahil, veriam como ela era triste.

FIM